


AO PAI E AOS IRMÃOS: TENTATIVAS DE INTERLOCUÇÃO EM MURILO MENDES

To Father and to brothers: attempts of interlocution in Murilo Mendes

Pablo Vinícius Nunes Garcia¹

<https://orcid.org/0000-0002-4554-009X> 

¹Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, Brasil. 13083-859 – cpgiel@iel.unicamp.br

Resumo: Este artigo busca examinar os usos do endereçamento na poesia de Murilo Mendes, no que se refere à mobilização do leitor acerca da conjuntura histórica vivida pelo poeta. Dois poemas foram escolhidos para ilustrar a discussão. Um deles envolve Deus na interlocução, enquanto, no outro, a voz lírica se dirige ao leitor. Observa-se uma relação entre as temáticas religiosas dos poemas e uma finalidade política, a motivar a exposição pelo poeta de um estado de coisas insustentável, urgente. Contudo, o artigo aborda também os lapsos de comunicação produzidos pelo recurso do endereçamento em poesia, os quais podem ser produtivos para sua abrangência de sentido. Desse modo, conclui-se que os poemas analisados, embora pareçam remeter à situação global presenciada por Murilo Mendes, viabilizam outras interpretações, que não necessariamente remetem à primeira metade do século XX. A própria linguagem abstrata e de cariz existencial utilizada pelo poeta facilita tal expansão semântica. O trabalho foi redigido a partir de pesquisa bibliográfica e de análise do *corpus* elencado.

Palavras-chave: poesia brasileira moderna; Murilo Mendes; endereçamento.

Abstract: This article seeks to examine the uses of address in Murilo Mendes' poetry, with regard to the mobilization of the reader regarding the historical situation experienced by the poet. Two poems were chosen to illustrate the discussion. One of them involves God in the interlocution, while, in the other, the lyrical voice addresses the reader. A relationship is observed between the religious themes of the poems and a political purpose, motivating the poet's exposition of an unsustainable and urgent state of affairs. However, the article also addresses the lapses in communication produced by the use of address in poetry, which can be productive for its comprehensiveness of meaning. Thus, it is concluded that the poems analyzed, although they seem to refer to the global situation witnessed by Murilo Mendes, allow for other interpretations, which do not necessarily refer to the first half of the 20th century. The abstract and existential language used by the poet facilitates such semantic expansion. The work was written based on bibliographic research and analysis of the selected *corpus*.

Keywords: Brazilian modern poetry; Murilo Mendes; addressing.

Introdução

“Deixa crescer a semente que Deus plantou na tua alma” (Mendes, 1995, p. 324). É com esse verso que Murilo Mendes abre a última estrofe de seu “Poema bíblico atual”, fazendo uma espécie de apelo espiritual, supostamente, àquele que o lê, emulando uma

dicção frequente nos Salmos. Para o exercício da crítica literária em torno da poesia muriliana, é fundamental considerar seu vínculo com a Bíblia, já que o poeta recorrentemente fazia alusões aos textos que compõem o código do cristianismo, do Gênesis ao Apocalipse.

O recurso de que Murilo Mendes faz uso, neste verso, é conhecido na teoria literária como endereçamento. Suas possibilidades não se resumem à utilização explícita de “tu” ou de “você”, estendendo-se também a eventuais interlocutores dentro dos poemas, não identificados necessária ou imediatamente com o leitor. Em se tratando de endereçamento, Ana Cristina Cesar é talvez no Brasil a poeta mais citada, levando em conta a encenação da intimidade e da confissão que fortemente matiza a sua escrita.

A utilização que o poeta mineiro faz do endereçamento não deixa de ser um item interessante ao estudo de sua obra. Assim, busca-se neste trabalho deslindar em alguma medida os usos que Murilo Mendes faz do endereçamento, pensando nas implicações por ele geradas para a sua poética. Observa-se que os sujeitos líricos murilianos por vezes se endereçam a Deus e, em outras vezes, fazem-no diretamente ao leitor. Intenta-se examinar os possíveis interesses do poeta com tal recurso, especificamente, no que se refere às visões pessimistas do mundo por ele lançadas, de maneira a produzir consternação ou expressões de grande dor. É um fim político que pode ser atrelado, frequentemente, às interlocuções travadas pelo autor.

Deus Absconditus

Há uma grande heterogeneidade na relação entre a poesia de Murilo Mendes e a esfera religiosa do cristianismo. Longe de seguir o caminho da pura exaltação do ser divino ou de demonstrar uma fé inabalável ou a completa submissão aos dogmas cristãos, os sujeitos líricos murilianos reiteradamente assumem posturas controversas diante de Deus – sem interromper o diálogo com a tradição cristã dada nos textos bíblicos –, sendo isso a religiosidade de “rosto ambivalente” que José Guilherme Merquior (1996) apontou na obra do autor, isto é, a apropriação subversiva ou desterritorializante de concepções do cristianismo, deslocadas assim para um âmbito, por vezes, herético.

Desse modo, Murilo parece jogar com a suposta benevolência do Deus cristão, salientando inclusive uma possível malignidade naquilo que é a criação divina, isto é, o mundo material. Exemplo disso é o poema “*De profundis*”, encontrado em *Parábola* (1946-1952), no qual, da voz lírica, emana o *pathos* de desamparo e de isolamento:

Do profundo abismo de minério exausto,
Figurante da montagem de impostura e terror –
Operação espiritual avessa à tua,
Criando, em súbitas ou lentas explosões,
O universo que se expande e se transforma;

Do profundo abismo de prospecção do nada,
Pelas tuas águas livres suspirando
Onde se banha o espírito lúdico do amor,



Inclino-me: e nessa inclinação registro
Sinais profundos, cicatrizes graves
Dos que me precederam nesta via obscura.

Tua imagem procuro atrair, seguindo teu aceno
Na medida em que a dobrez da carne mo permite.
Do remoto batismo um leve rastro fica...

Flecha e sol no coração fincados te devolvo,
Que tu mesmo, no começo, me cravaste;
Lágrimas e paixão, secura e fervor, angústia barroca.

Do profundo abismo criado por ti mesmo
E ampliado por nós com a força dos escravos,
Tampão de sombra onde o mal explode,
Do profundo abismo de minério exausto
Clamo, e clamas em mim: dois inquietos clamando (Mendes, 1995, p. 554-555).

Faz-se referência ao Salmo 130, ao mesmo tempo que se o ironiza: “Das profundezas eu clamo para ti, Javé:/ Senhor, ouve o meu grito!/ Que os teus ouvidos estejam atentos/ ao meu pedido por graça!” (Bíblia Sagrada, 1990, Sl 130, 1-2, p. 815), pois, no poema, o sujeito lírico não aparenta esperar a intervenção salvadora de Deus, assumindo desde o início a feição de um condenado, preso no “profundo abismo de prospecção do nada” (Mendes, 1995, p. 554), ao passo que apenas um tênue resíduo salvífico perdura, pelo qual ainda se sente a presença de Deus, apesar do distanciamento entre este e a criatura: “Do remoto batismo um leve rastro fica...” (Mendes, 1995, p. 554). O enunciador não deixa, todavia, de dirigir um apelo, como indica o verso final: “Clamo, e clamas em mim: dois inquietos clamando” (Mendes, 1995, p. 555).

É curioso que, no último verso, o sujeito e o Criador entrem em relação de identificação, como se a angústia do primeiro se desdobrasse na angústia do segundo. Sugere-se que não apenas o sujeito é impotente diante do mundo, mas que Deus mesmo é impotente, ou “inquieto”, isto é, intranquilo, diante de – e vitimado pela – sua própria obra. Também se poderia depreender que, por mais que sua ausência se imponha, algo da presença divina ainda resta e interpela o sujeito. Mas, face à violência de certos versos, como “Tampão de sombra onde o mal explode” (Mendes, 1995, p. 555), torna-se patente a tragicidade da mundivisão delineada por Murilo, muito semelhante, aliás, à do poema “A tampa”, de Baudelaire, ao qual somos remetidos sobretudo pela imagem utilizada: “O Céu! tampa sombria da imensa marmita/ Onde indivisa a vasta Humanidade ferve” (Baudelaire, 1985, p. 477). A criação – o mundo –, em vez de apresentar-se boa e perfeita, adquire os contornos da malignidade e da torpeza. E, sobre ela, Deus não intervém. As acusações do locutor, concernentes à sordidez do mundo e ao absenteísmo por parte do Criador, submetem à incerteza tanto o seu poder quanto a sua bondade. Conforme Paul Ricoeur (2013), a dúvida quanto à benevolência dos deuses engatilha o efeito trágico. O efeito trágico é bastante sensível em “*De profundis*”.



Nos versos iniciais de “Décima terceira meditação” (*O infinito íntimo*, 1948-1953), a acusação de abandono ou de ausência direcionada a Deus é novamente sugestionada:

Deus escondido,
Deus manhoso e sibilino,
Na verdade tu és um Deus oculto (Mendes, 1995, p. 784).

O endereçamento muriliano a Deus é, pelo menos à primeira vista, um protesto, a rebelião da criatura frente à inclemência – também se poderia falar em imperfeição – do Criador, o que não chega a ser totalmente discrepante em relação ao imaginário do cristianismo – ainda que, neste, a atitude acusatória perante Deus se formule em menor grau –, dado, por exemplo, o livro bíblico das Lamentações, no qual é expressa profunda tristeza em razão da conquista de Jerusalém pelos babilônios, após o pecado e a corrupção que grassavam na cidade terem desencadeado contra ela a ira divina. Os últimos versos do livro apontam que Javé continua hesitante quanto ao perdão; e a própria intensidade da súplica parece implicar que o ser deífico falta em misericórdia e benevolência:

Faze que voltemos para ti, Javé, e voltaremos;
renova os tempos passados.
Ou será que nos rejeitaste de uma vez;
será que tua cólera não tem limites? (Bíblia Sagrada, 1990, Lm 5, 21-22, p. 1077).

A travessia própria ao endereçamento, enquanto tentativa de comunicação de uma subjetividade com outra, parece estar bloqueada em se tratando da interlocução almejada pelo eu poético muriliano com Deus. Contudo, para além de Deus, devemos pensar na participação do leitor dentro da dinâmica do poema. Jonathan Culler (2015) explica que as maneiras de endereçar não se reduzem à interlocução direta com o leitor ou com a audiência. É possível também o endereçamento indireto, recorrente nos poemas de amor. A voz enunciativa fala então a um endereçado explícito (uma entidade, uma força da natureza, a pessoa amada etc.), formando com o leitor uma relação interlocutória mediada. Em sentido semelhante, Joëlle de Sermet (2019) defende que, em última instância, o endereçado é o leitor, independentemente de o sujeito lírico estar falando a outro ente.

Assim, cabe pensar nos efeitos que os textos murilianos aqui citados engendram, ao afrontar o ser divino por sua incomunicabilidade, sem, contudo, crer que tudo não passa de mera performance mais ou menos blasfematória. A maior parte da obra poética de Murilo foi composta na primeira metade do século XX, uma época indubitável e globalmente turbulenta, dadas as Guerras Mundiais, o nazifascismo, a quebra da Bolsa e o início da era atômica. A Segunda Guerra, em particular, tem grande relevância para a obra muriliana, como demonstra Murilo Marcondes de Moura (2016) em *O mundo sitiado*, livro em que o pesquisador aborda os desdobramentos da conjuntura bélica na composição do poeta mineiro. Ademais, com certa convergência com o que intentamos demonstrar, Laís Corrêa de Araújo (2000) pontua que, face ao horror da guerra, Murilo chega a exigir, em “A



tentação” (*Poesia liberdade*, 1943-1945), que o Criador se retrate, como a transferir para ele a culpa das desgraças históricas:

Diante do crucifixo
Eu paro pálido tremendo:
“Já que és o verdadeiro filho de Deus
Despreza a humanidade desta cruz” (Mendes, 1995, p. 424).

Evidencia-se uma postura de comiseração e de preocupação do poeta acerca da humanidade, pois esta é posicionada como vítima. O autor não fala de uma dor individual, mas de uma dor coletiva, concernente a todos aqueles a quem, sob a ótica cristã, o poeta pode ver como irmãos, cujo martírio defronta com a inação do Pai. Ao protestar contra Deus e desfigurar o mundo, Murilo está colocando em perspectiva a conturbação de seu tempo, considerando o intenso senso histórico a pigmentar sua lírica. Sabe-se que o surrealismo, passando ao largo do pensamento racional, é fruto da crise da racionalidade que assaltou a consciência europeia após a Primeira Guerra Mundial, quando criações da ciência e da razão foram empregadas em favor da morte em grandes escalas, traíndo as promessas de aperfeiçoamento da humanidade.

De modo correlato às linhas do pensamento dessa vanguarda que, como atesta sua fortuna crítica, tanto lhe serviu de fonte, o autor era também cético, segundo Murilo Marcondes de Moura (1995), dos ideais do progresso e do positivismo, aspirando a um tempo originário, que, no imaginário cristão, corresponde à eternidade pós-Juízo Final. Eduardo Sterzi (2006), ademais, pontua que a fuga da dimensão material ou contingente é uma aspiração constante na composição muriliana, a qual se faz comparável à perspectiva benjaminiana do progresso enquanto ruína e catástrofe. O que ambos os pesquisadores auxiliam a compreender é que a lírica muriliana é sensivelmente marcada pela inconformidade em relação ao mundo e à sua contemporaneidade, uma inconformidade que sobrevém alçada a grau ontológico, não se associando nitidamente a uma ou outra motivação mais específica. Não obstante, o drama existencial encenado na poesia de Murilo Mendes não deixa de ressituar o drama histórico experienciado pelo autor, por mais que sua poesia não seja redutível a este último.

É precisamente seu tempo histórico o ente que, por trás do Deus pragmaticamente endereçado, o autor esteja, quiçá, inquirindo. Ao descrever o mundo como um profundo abismo, o emissor deixa latente o estado de coisas em meio ao qual a lírica muriliana toma lugar, ao passo que o silêncio de Deus expressa, possivelmente, a desolação da impotência. Mas se o alcance da poesia não se restringe à época em que é escrita, o leitor, destinatário final naquele ou em tempo posterior, é destarte chamado a manter alguma resistência às condições sempre intranquilas da história e, tendo em vista o caráter religioso da lírica de Murilo, a conservar algum investimento espiritual – “Tua imagem procuro atrair” (Mendes, 1995, p. 554) – no mundo tecnicista do poder econômico, cujos valores materiais não cessam de adquirir centralidade. Dando um passo além, poderíamos apontar que a resistência, de cariz político, e o cuidado a respeito da fé e da espiritualidade se confundem.



Assim, na dimensão ética da lírica de Murilo Mendes, o político e o religioso se encontrariam emaranhados. Enfim, o apelo do poeta ao leitor, velado até onde vimos, pode tornar-se mais explícito.

O chamado ao leitor

O endereçamento, conforme adiantamos, pode ser feito diretamente ao leitor. É o que se presume quando a voz lírica utiliza “tu”, “você”, “vós”, “seu” etc. sem que outro interlocutor esteja explicitado no texto. A visão pessimista do mundo projetada pelo enunciador muriliano, frequente em grande parte da obra do poeta, aparece em “A danação” (*A poesia em pânico*, 1936-1937), intensificada, se compararmos esse poema ao já comentado “*De profundis*”:

Há fortes iluminações sem permanência.
A parte da Graça é tão pequena
Que me vejo esmagado pelo monumento do mundo.

Quem me ouvirá? Quem me verá? Quem me há de tocar?
Chorai sobre mim, sobre vós e sobre vossos filhos.

A fulguração que me cerca vem do demônio.
Maldito das leis inocentes do mundo
Não reconheço a paternidade divina.
Eu profanei a hóstia e manchei o corpo da Igreja:
Os anjos me transportam do outro mundo para este (Mendes, 1995, p. 286).

Novamente, e mais virulenta, tem-se a revolta contra Deus (“Não reconheço a paternidade divina” (Mendes, 1995, p. 286) deflagrada por um sujeito poético “esmagado pelo monumento do mundo” (Mendes, 1995, p. 286), dando a entender a existência material como uma espécie de claustro. A ação interlocutória ocorre na segunda estrofe: “Quem me ouvirá? Quem me verá? Quem me há de tocar?/ Chorai sobre mim, sobre vós e sobre vossos filhos” (Mendes, 1995, p. 286), a estender o sofrimento declarado pelo enunciador àqueles que ocupam a outra extremidade da interlocução, resultando na coletivização da dor. Murilo Mendes, utilizando “vós” em vez de “tu”, enfatiza essa coletivização, canalizando para seu eu poético as expressões de sofrimento, virtualmente, de toda a humanidade.

O endereçamento é um recurso muito ligado, precisamente, ao compartilhamento do sofrimento, pois a segunda pessoa é “esse ‘qualquer um’, com quem poderá haver familiaridade e cumplicidade, comunidade, enfim, em geral no sofrimento” (Pedrosa *et al.*, 2018, p. 102). Murilo maximiza as proporções da interlocução, bem como o sofrimento nela presente. É muito conhecida a fala de Ana Cristina Cesar de que, ao escrever cartas, tenta-se “mobilizar alguém” (Cesar, 2016, p. 293), com notória utilização da função fática da linguagem, ou seja, aquela usada para ensejar o contato, bem como para prolongar ou encerrar a interlocução (Jakobson, 2010). O propósito de mobilização do outro agudiza-se ainda mais com o emprego da função conativa, caracterizada pelo modo verbal imperativo (Jakobson, 2010), segundo faz o locutor muriliano. A questão da mobilização do leitor será



importante para continuarmos a reflexão sobre o poema em pauta.

Visto que o sujeito lírico do poema em questão encontra-se em estado de precariedade ontológica, ou antes, de horror ontológico, estendendo este estado para um “vós”, torna-se claro que o sentimento transmitido é o de um sofrimento profundo. Pensando no momento histórico em que o poema foi composto – a segunda metade da década de 1930 –, têm-se os antecedentes da Segunda Guerra Mundial e os desdobramentos do nazismo no mundo, e, no Brasil, a situação ditatorial do Estado Novo, além da dúvida quanto aos valores do progresso após a Primeira Guerra. Enfim, trata-se de um período turbulento e que pode estar ligado à concepção existencial horrífica, até diabólica – “A fulguração que me cerca vem do demônio” (Mendes, 1995, p. 286) –, apresentada em “A danação”. Imerso nesse contexto, o homem é alvo da comiseração suscitada pelo poeta, ao mesmo tempo que é mobilizado para que a pratique. É necessário refletir, no entanto, se o que interessaria, para Murilo Mendes, é apenas ensejar o lamento acerca de uma dada conjuntura. Emmanuel Lévinas, com atenção especial ao século XX, assevera a necessidade de ação frente ao sofrimento alheio, que nasce precisamente do sofrimento decorrente do sofrimento do outro:

Nobre pensamento que é a honra de uma modernidade ainda incerta, titubeante, que se anuncia na saída de um século de sofrimentos sem nome, mas no qual o sofrimento do sofrimento, o sofrimento pelo sofrimento inútil de outro homem, o justo sofrimento em mim pelo sofrimento injustificável de outrem, abre sobre o sofrimento a perspectiva ética do inter-humano. Nesta perspectiva, faz-se uma diferença radical entre o sofrimento em outrem no qual é, para mim, imperdoável e me solicita e me chama, e o sofrimento em mim, minha própria aventura do sofrimento, cuja inutilidade constitucional ou congênita pode tomar um sentido, o único de que o sofrimento seja susceptível, tornando-se um sofrimento pelo sofrimento, mesmo inexorável, de alguém. Atenção ao sofrimento de outrem que, através das crueldades de nosso século – apesar destas crueldades, por causa delas –, pode afirmar-se como o próprio nó da subjetividade humana ao ponto de se ver elevado a um supremo princípio ético – o único que não é possível contestar – e até a comandar as esperanças e a disciplina práticas de vastos agrupamentos humanos. Atenção e ação que incumbem aos homens – a seu eu – tão imperiosa e diretamente que não lhes é possível, sem decair, esperá-los de um Deus todo-poderoso (Lévinas, 2010, p. 121).

É esse, aparentemente, o movimento buscado por Murilo, ainda que de maneira não explícita. Isto é, o poeta recusa que a atitude geral, face à catástrofe, seja a inércia. A passagem do estado inerte ou alienado para o envolvimento, na forma de volição interventora ou de ação política, é um efeito latente do suposto endereçamento ao leitor no poema em questão. O sujeito lírico muriliano se indigna com Deus e com a regência demoníaca do mundo, enquanto os desdobramentos do poema, em vez de se limitarem ao gesto de olhar para a dor de outrem – e igualmente de si mesmo, no presente caso –, sensibilizam em favor da imprescindibilidade da mudança, o que bem se justifica na contemporaneidade vivida pelo autor, em cuja obra as vibrações das circunstâncias históricas constantemente se fazem sentir, muitas vezes, tensionadas entre mundivisões



teratológicas e uma postura diante de Deus a oscilar entre o protesto e a aproximação.

A contundência do poema de Murilo, conseguida graças à predominância de uma estrutura paratática que condiciona um tom firme na recitação dos versos, dá a seu apelo quase que o aspecto de uma ordem, de um chamado ao dever. Perscrutando esse chamado, poderíamos dizer que ele envolve também a necessidade do reconhecimento de um senso de humanidade que necessita ser resgatado. Contudo, resta alguma obscuridade na significação do ato interlocutório realizado pelo poeta. A semântica do poema é velada por certa indefinição. E, na travessia ensejada pelo endereçamento, aliás, irrompe sempre uma perda.

Lapsos (produtivos) de comunicação

Embora um esforço interpretativo em torno de “A danação”, calcado no momento histórico, permita relacionar o uso da segunda pessoa à humanidade de modo geral, então sob o jugo das catástrofes, convém não esquecer que o endereçamento é um recurso causador de imprecisão quanto aos sentidos extraíveis de um poema, pois que a subjetividade do autor não se imporá autoritariamente, mas entrará em diálogo com a subjetividade do leitor. Ademais, a provisoriedade das delimitações de sentido é fenômeno próprio à literatura, irradiadora de excesso de sentido.

Sobre a mobilização de um interlocutor, Ana Cristina Cesar (2016) pontua que, no caso da carta, é sabido para quem se escreve, mas, quando o assunto é literatura, não se sabe para quem se escreve. Osip Mandelstam (1997) considera que esse lapso comunicacional é produtivo em se tratando de poesia:

[...] endereçar um interlocutor concreto arranca as asas do verso, priva-o de ar, de voo. O ar de um poema é o inesperado. Endereçando alguém conhecido, podemos dizer apenas o que é conhecido. Esta é uma lei psicológica sólida, autoritária. Não se pode enfatizar muito firmemente a significação na poesia (Mandelstam, 1977, p. 61, tradução própria).¹

Logo, a falta de um endereçado específico favorece a expansão de sentido da poesia, tornando mais rico o exercício hermenêutico em torno dela. Ou seja, a incerteza quanto ao interlocutor da voz lírica contribui para as aberturas e possibilidades semânticas de um poema.

O poema de Murilo gera tal incerteza produtiva ao inviabilizar a identificação de um endereçado, chegando a turvar mesmo a efetividade da comunicação. No quarto verso (“Quem me ouvirá? Quem me verá? Quem me há de tocar?” (Mendes, 1995, p. 286), as perguntas construídas mediante a repetição do pronome interrogador “quem”, ao tempo que exprimem o desamparo do eu poético, insinuam dúvida a respeito do destinatário. Ou melhor, a própria identidade do interlocutor avulta-se enquanto questão nos processos de

¹ “[...] addressing a concrete interlocutor takes the wings off the verse, deprives it of air, of flight. The air of a poem is the unexpected. Addressing someone known, we can say only what is known. It’s a solid, authoritative psychological law. One cannot emphasize too strongly its significance for poetry.” (Mandelstam, 1977, p. 61).

significação do poema, amplificando o eco de desespero emitido pelo locutor. Com isto, tal como ocorre na interlocução com Deus em “*De profundis*”, também em “A danação” se poderia falar de um endereçamento bloqueado, que não encontra objeto.

Não deixa de ser válida uma leitura referente à cisão interior que por vezes acomete os sujeitos poéticos de Murilo Mendes. Desse modo, o endereçado seria o próprio enunciador, a desdobrar ou a reproduzir para dentro do Eu o conflito com o mundo, assumindo-se como pertencente à dimensão terrena e participante de suas imperfeições. “O duplo”, outro poema de *A poesia em pânico*, corrobora essa perspectiva:

A edição que circula de mim pelas ruas
Foi feita sem o meu consentimento.
Existe a meu lado um duplo
Que possui um enorme poder:
[...]
Destrói com um sopro
O trabalho que eu tenho de diminuir o pecado original.
Quando eu morrer o meu duplo morrerá – e eu nascerei (Mendes, 1995, p. 305).

O sujeito se divide entre um Eu pecaminoso, vulnerável às torpezas mundanas, e a consciência algo ascética, espiritualizada, a determinar seu “nascimento” de maneira coincidente com a morte do duplo, isto é, com a morte material. Em “A danação”, infere-se o mesmo confronto, dirigindo-se o Eu espiritualmente desperto e desejoso de escapar à dimensão terrena – criação de Deus, contra quem, paradoxalmente, o Eu divinizado conserva sua revolta – ao Eu fatalmente preso ao pecado, condenado e entregue às forças antagônicas a governar o mundo e, conseqüentemente, surdo aos apelos do primeiro. Logo, é cabível a hipótese de Culler (2015) sobre a autodivisão do locutor que, em determinados casos, ocorre no ato de endereçar, fazendo coincidirem emissor e destinatário.

Porém, a cisão interior, embora represente uma interpretação viável, ainda não esgota a complexidade proveniente do endereçamento. Há que se retomar, justamente, a via interpretativa que situa o leitor na relação interlocutória. Neste caso, escreve de Sermet, o leitor é enredado em “uma flutuação estrutural cujos vazios ele preenche com elementos circunstanciais tirados de sua própria experiência” (Sermet, 2019, p. 275). Ou seja, a subjetividade do leitor, com suas vivências, concepções e perspectivas de mundo, se encarregará de preencher, na medida do possível, as imprecisões da comunicação. Conseqüentemente, o tempo vivido pelo leitor será fator participante de sua ação interpretativa, o que faz com que o poema de Murilo Mendes gere sentido para além de sua época de produção, tornando-se permeável ao leitor inserido em outros contextos históricos. Logo, a referencialidade revela-se não estática. Sobre esse problema, Alexandre Nodari elucida:

[...] a referência, em literatura, não deixa de operar, mas agora não coincide mais plenamente consigo mesma, remetendo também a *outra coisa*, em



aberto; marca a si mesma, mas também a sua inadequação, a sua abertura indeterminada a outros sentidos – a referência se converte no acesso a uma floresta densa de correspondências, na qual a relação entre palavras e coisas pode ser rearranjada (Nodari, 2019, p. 7).

Evidencia-se, portanto, a polissemia da literatura. No poema muriliano em discussão, a multiplicidade de sentido é já engatilhada pelo uso da segunda pessoa, a qual pode remeter tanto ao diálogo forjado entre o sujeito e si mesmo em um foro íntimo cindido, quanto ao leitor, sendo este fatalmente distinto da subjetividade enunciativa, e responsável por dar conta do não-dito, das indeterminações deixadas pelo discurso poroso da voz lírica, da “outra coisa, em aberto” de que fala Nodari. A mobilização engatilhada por Murilo insuflará algo de incógnito, sobretudo se a leitura se descolar do contexto pré-bélico em que a composição do poema teve lugar, pois, com isso, o sofrimento exteriorizado pelo poeta mineiro não terá uma causa bem delimitada; pelo contrário, a causa restará muito abstrata frente à universalidade da negatividade existencial proposta.

Não se podendo fechar os olhos à instabilidade semântica da literatura, é preciso, não obstante, fazer algumas ponderações, tendo em vista o que Silviano Santiago argumenta ao abordar o assunto. O crítico alerta para o excesso de relativismo em que se pode desembocar ao considerarmos o leitor como parte fundamental da construção de sentido. Corre-se o risco de que o desejo do leitor “asfixie” o poema. Assim, questiona: “Como dar corpo e voz ao desejo de todos? Não é tornar indiferenciado o que, por definição, é singular?” (Santiago, 1986, p. 100). E, por outro lado, o autor problematiza a leitura unívoca, que leva à castração das irradiações semânticas do poema: “Que seria o poema se todos (a fraternidade de leitores) endossássemos uma única leitura para sempre? Haverá forma mais profunda e radical de pensamento fascista?” (Santiago, 1986, p. 101). Em suma, o embate com a literatura implica o desafio do excesso de sentido, impedindo a interpretação última, definitiva; mas a tarefa hermenêutica não deixa de se comprometer com determinadas balizas, realizando-se sobre um solo decerto movediço, mas não sobre o vazio. Do contrário, a construção de sentido tornaria dispensável o próprio objeto literário.

Considerações finais

A atitude fortemente crítica que Murilo Mendes mantém em relação à sua contemporaneidade resulta em um projeto poético acentuadamente político. À dicção espiritualista do poeta subjaz a aspiração por um novo estado de coisas, de modo que mesmo o desejo de fuga do plano terreno possa ser interpretado não como um verdadeiro abandono do mundo, mas como um chamado à justiça, à correção do que se apresenta insustentável, aplicando-se esse intento, igualmente, aos libelos proferidos contra Deus.

O emprego da segunda pessoa por Murilo demanda estudos posteriores, em razão de sua complexidade. Porém, com base no que expusemos, vale dizer que tal recurso reforça essa disposição política, dando margem ao entendimento de que o poeta interpela o leitor em favor da mudança, mantendo acesa, minimamente, sua sensibilidade em torno



das circunstâncias históricas. Essa intencionalidade permanece inteligível apesar da pouquíssima referencialidade apresentada, mas é precisamente a vagueza referencial um dos aspectos que permitem à poesia muriliana ultrapassar seu próprio tempo, estimulando no leitor, em alguma medida, a vivacidade crítica e inconformada com que o autor anima sua elocução.

Referências

ARAÚJO, Laís Corrêa de. **Murilo Mendes**: ensaio crítico, antologia, correspondência. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Trad. de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Trad. de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional; Paulus, 1990.

CESAR, Ana Cristina. Depoimento de Ana Cristina Cesar no curso Literatura de mulheres no Brasil. In: CESAR, Ana Cristina. **Crítica e tradução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 292-312.

CULLER, Jonathan. **Theory of the Lyric**. London: Harvard University Press, 2015.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

LÉVINAS, Emmanuel. O sofrimento inútil. In: LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Trad. de Pergentino Pivatto (*et al.*). 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 117-129.

MANDELSTAM, Osip. About an Interlocutor. In: MANDELSTAM, Osip. **Selected Essays**. Trad. de Sidney Monas. Austin: University of Texas Press, 1977, p. 58-64.

MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

MERQUIOR, José Guilherme. Murilo Mendes ou a poética do visionário. In: MERQUIOR, José Guilherme. **Razão do poema**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. p. 69-89.

MOURA, Murilo Marcondes de. **Murilo Mendes**: a poesia como totalidade. São Paulo: EdUSP; Giordano, 1995.

MOURA, Murilo Marcondes de. **O mundo sitiado**: a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Editora 34, 2016.

NODARI, Alexandre. Alterocupar-se: obliquação e transicionalidade na experiência literária. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 57, p. 1-17, 2019.

PEDROSA, Celia; KLINGER, Diana; WOLFF, Jorge; CÂMARA, Mario (org.). **Indiccionario do contemporâneo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.



RICOEUR, Paul. **A simbólica do mal**. Trad. de Hugo Barros e Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2013.

SANTIAGO, Silviano. Singular e anônimo. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 5, p. 95-101, 1986.

SERMET, Joëlle de. O endereçamento lírico. Trad. de Francine Fernandes Weiss Ricieri e Maria Lúcia Dias Mendes. **Lettres Françaises**, Araraquara, n. 20, v. 2, p. 261-279, 2019.

STERZI, Eduardo. Murilo carioca: Espaço, metamorfose, catástrofe, poesia. **Letterature d'America**, Roma, a. 26, n. 112, p. 85-107, 2006.

NOTAS DE AUTORIA

Pablo Vinícius Nunes Garcia (pablogarcia.vn@gmail.com) é doutorando e Mestre em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2023). Possui graduação em Direito pela Universidade Federal de Lavras (2018) e em Letras (Bacharelado em Estudos Literários) (2022) pela Universidade Federal de Ouro Preto.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

GARCIA, Pablo Vinícius Nunes. Ao Pai e aos irmãos: tentativas de interlocução em Murilo Mendes. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 30, p. 01-12, 2025.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 14/08/2024

Revisões requeridas em: 15/11/2024



Aprovado em: 22/02/2025
Publicado em: 07/04/2025

